

Marcelo Coelho

Como você pensa a relação entre o tempo literário e o tempo histórico?

Prefiro pensar na relação entre o tempo literário e a *situação histórica*. Nos anos 1980 e 1990 a sensação do escritor foi, predominantemente, a de que não se estava nem às vésperas de uma redenção, nem de um apocalipse; de alguma forma, a literatura não tinha como contar com os ventos “a favor”, associados a uma ideia de progresso, nem com os ventos “contra”, associados a uma crise geral da civilização. Nesta *situação*, que parece desestimular qualquer filosofia da história, creio que o tempo literário deixa de se medir como reação coletiva, organizada esteticamente em movimentos (celebração-conflito com a modernidade, nos anos 1920, retorno à ordem, nos anos 1940-1950, engajamento, desbunde, mais tarde). O resultado tem sido a predominância do testemunho (seja a autobiografia confessional, sejam os relatos de sobrevivência na periferia) e da biografia jornalístico-literária, na qual a visão da personagem histórica é a solução encontrada para tomar a história como objeto, e não mais como elemento substancial, inscrito na matéria da obra literária. Desse modo, por vários lados, a literatura se aproxima do jornalismo, à medida que tem com a história não uma relação visceral, e sim uma relação externa: a literatura passa a ver a história, presente ou passada, como seu objeto, não como seu elemento.

Quais procedimentos sua obra adota diante de um mundo em que predominam a ação econômica e a espetacularização da arte?

Há evidentemente uma preocupação mercadológica maior nos escritores de hoje, o que reflete a sua progressiva profissionalização. De minha parte, prefiro falar menos em espetacularização da arte e mais em indústria cultural. Diante dessa indústria cultural, creio que passou o momento de reagir parodicamente aos procedimentos voltados para o público de massa, ou de ignorá-los olímpicamente. A indústria cultural tornou-se uma espécie de “segunda natureza” para o escritor, mesmo o mais elitista; penso em relacionar-me com ela do mesmo modo com que os românticos se relacionavam com a natureza e a cultura popular: tomando-a como ponto de partida para dizer o que ela não diz; para salvá-la, digamos assim, de sua própria condição degradada e miserável.

Qual reflexão sua obra produz sobre a tradição literária brasileira?

Vejo-me numa relação de forte ojeriza a muito do que foi produzido nos últimos trinta ou quarenta anos, que sintetizo nos nomes de Rubem Fonseca e dos concretos. Sem condição de me inspirar nas obras-primas do ciclo nordestino ou de Guimarães Rosa, e admirando Machado de Assis a certa distância, acabo achando que minha tradição, no que diz respeito à literatura brasileira, é mais a ensaística que a ficcional. Sou também tributário de uma tradição mais beletrística, a dos que privilegiavam o *tour de force* estilístico e ornamental, como Euclides da Cunha. Em todo caso, sinto-me um pouco à margem, no vestibulo, da própria literatura enquanto tal, pela qual incursiono com pouca frequência.

Como você pensa a forma literária?

Penso a forma literária muito de acordo com a linguagem da música clássica: gosto de preparar dissonâncias e resoluções numa frase, num parágrafo, numa página; de retomar os temas da exposição, desenvolvendo-os; de recorrer a coisas como *ritardando*, *accelerando*... A consequência é uma forte incapacidade para conceber conforme um plano narrativo aquilo que escrevo. É, digamos, uma escrita mais abstrata.

Marcelo Coelho (1959) colabora semanalmente no caderno Ilustrada do jornal *Folha de São Paulo* desde 1991. Como ficcionista, publicou *Patópolis* (Iluminuras, 2010), *Noturno* (Iluminuras, 1994) e *Jantando com Melvin* (Imago, 1997). É autor dos livros infantis *A professora de desenho e outras histórias* (Companhia das Letrinhas, 1995) e *Minhas férias* (Companhia das Letrinhas, 1999). Na área de não ficção, escreveu *Crítica cultural: teoria e prática* (Publifolha, 2006) e *Tempo medido* (Publifolha, 2007).